

Os lugares de um caminho (ainda) em devir: As reconversões do pensamento pós-colonial

Places a path (yet) in becoming: The reconversion of the postcolonial thought

MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas Edições, 2013. 130p.

LUCA FAZZINI*

* Possui graduação em Letras pela Università degli studi di Siena, Facoltà di Lettere e Filosofia (2012), mestrado em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2014). Tem experiência nas áreas das Literaturas de Língua Portuguesa e da Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Portuguesa Contemporânea, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Representações Literárias da Violência, História, Memória e Testemunho em Literatura, Pós-modernismo e Pós-colonialismo.

- *Você não é negro também? Parece colono, pior que colono.*

(Pepetela)

A ideia de que uma verdadeira atitude crítica, característica de uma mente sempre inquieta, nunca acabaria de refletir nem perante às conclusões onde ela própria tinha chegado, não é suficiente para motivar a razão de ser do texto *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*, da autoria de Inocência Mata – professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na área de *Literaturas, Artes e Culturas* – publicado no Brasil pela editora UEA edições.¹

Pergunta necessária seria, então: onde buscar as premissas que moveram, ao longo dos oito ensaios que compõem o livro citado, as reconversões através das quais Inocência Mata tenta atualizar o pensamento crítico pós-colonial acerca das realidades africanas de língua oficial portuguesa?

Uma primeira motivação pode residir no fato da situação de pós-colonialidade manter evidente um índice de pobreza, corrupção e violência, sustentada ainda pela dialética hegemonia/subalternidade e parecida com a dinâmica do período colonial. É suficiente citar algumas palavras de *A geração da Utopia*, de Pepetela – escritor grandemente analisado por Inocência Mata – para perceber como tais dinâmicas aparecem também na literatura:

- Você não aprende, não é, seu negro burro? Esqueceste outra vez o sal, filho duma puta velha. Vem cá, vem provar aqui.

Malongo segurou-lhe a cabeça com as duas mãos, enfiou-lhe a cara no prato, prova, cabrão, prova para aprenderes. João estrebuchava, mas o patrão era demasiado forte, e a cara dele só largou o prato quando uma chapada monumental o atirou contra a parede da varanda.(...) João sacudiu a cabeça e levantou-se. Os olhos ficaram mais pequenos, de raiva, e gritou:

- Você julga que isto ainda é terra de colono? (...)

- Cala a boca, senão te dou mais.

- Somos independentes, ouviu? Ninguém tem o direito de me bater.

- Vai arrumar as tuas coisas e desaparece-me da vista. Senão rebento-te à porrada. (...)

¹ A primeira edição de *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões* foi publicada em Angola (2007), pela Editorial Nzila. A versão brasileira, além dos ensaios já presentes, inclui o prefácio “De Lisboa para Manaus (mas também de Bissau, Luanda, Maputo, Praia e São Tomé)” escrito pelo professor Mário César Lugarinho, e o posfácio “Inocência Mata - sistêmica, crítica e inquieta: o debate continua” da autoria de Lourenço do Rosário.

- Você não é negro também? Parece colono, pior que colono. (PEPETELA, 2002, 292)

A tal necessidade incipiente de prosseguir as reflexões sobre o processo da descolonização, frágil nas suas esfumações neo-coloniais e imperialistas, junta-se à exigência de rediscutir conceitos e categorias nascidos no âmbito dos chamados *Estudos Culturais*, que, hoje em dia, sofrem manipulações “para reforçar os lugares de hegemonia já cativos. Tal é o caso de categorias como «crioulidade», «pós-colonial», «hibridismo», «hibridez», «identidades sem fronteiras»” (MATA, 2013, 49).

Este movimento constante de desmascaramento das perversidades escondidas atrás do uso que se faz das palavras ocupa os primeiros quatro capítulos do livro e encontra o espaço de expressão em ensaios, filhos dos trabalhos desenvolvidos no biênio 2003-2004 entre Portugal e Brasil. Neste âmbito, Inocência Mata condensa o pensamento atual, dialogando com os mais agudos teóricos contemporâneos da pós-colonialidade e, muitas vezes, interrogando-os. As reflexões de Aijaz Ahmad, Kwame Anthony Appiah, Stuart Hall e Ella Shohat, num plano de fundo em que a lição de Edward Said parece evidente, se cruzam nas páginas para questionar o que é o pós-colonial e quais são – ou deveriam ser – as implicações e os limites do termo.

Sucessivamente, desenrolando uma tarefa necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico em Portugal e na África de língua oficial portuguesa, a autora transporta e recontextualiza as reflexões dos citados teóricos, para analisar as dinâmicas que sustentam o universo da criação literária e da construção da cultura nos cinco países que pertencem aos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Assim, são questionadas as lógicas da avaliação classificatória de uma certa crítica perante o romance africano, a dialética local *versus* universal, as referências literárias dos escritores africanos e a fragilidade das instituições acadêmicas, com o fim de desvelar e implicitamente denunciar uma mal ocultada atitude eurocêntrica, mesmo após trinta anos das independências.

Os quatro capítulos restantes, que recolhem as inquietações de mais de cinco anos de trabalho (entre 1999 e 2005), têm como principal objeto de análise a questão linguística. Tendo em conta, como afirma Antonio Gramsci em *I quaderni del carcere*, que cada discussão sobre a língua esconde lógicas que di-

zem respeito à organização do poder, a análise de Inocência Mata tenta abordar esta questão através de duas diferentes perspectivas: a difusão, o ensino e o papel da língua portuguesa em África – dinâmicas que deixam transluzir o lugar subalterno de todos aqueles que não falam a língua europeia, numa lógica que muito remete a do período colonial – e a relação que a partilha linguística estabelece entre Portugal e África, traduzida no termo *lusofonia*.

Desta forma, a análise intenta questionar o papel de “língua da unidade nacional” do português em contextos como o angolano e o moçambicano, entre outros, mas pretende, sobretudo, propôr o plurilinguismo – que, diferente do multilinguismo, “pressupõe que os falantes utilizem legitimamente, e com efeitos práticos na comunicação, duas ou mais línguas” (MATA, 2013, 112) – como caminho para o interculturalismo. Esta é uma condição necessária na época contemporânea, para que a globalização e as políticas adotadas pelos governos de cada país não aniquilem o local e o tradicional. Isto porque, de fato, a língua é o meio através do qual uma cultura e uma tradição se pensa e se relaciona com o mundo em torno.

Em *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*, merece uma particular referência o capítulo, “Estranhos em permanência: a negociação da identidade portuguesa na pós-colonialidade”. Isto porque, em relação aos outros textos que compõem o livro, este apresenta uma exceção interessante. Se os outros capítulos questionam conceitos a partir, principalmente, dos contextos africanos, o que está em causa aqui é o Portugal pós-colonial. Segundo a lógica de que a máquina colonial é algo que age sobre duas realidades – da metrópole e da colônia, o centro e a periferia do império – na época pós-colonial, ambas as partes que formaram tal binômio têm, obrigatoriamente, que ser repensadas.

Tendo em conta o fato de Portugal ser, atualmente, um país multicultural “feito de diversidades de várias ordens, do racial ao étnico e do cultural ao religioso” (MATA, 2013, 91), a autora sublinha o perigo que se esconde atrás da retórica da diferença, – que “pode, na verdade, resultar na cristalização identitária e na antagonização do *outro*” (MATA, 2013, 89) – e, a partir do caso português, propõe sugestões para a construção da interculturalidade que podem ser úteis também para pensar outros contextos.

Portanto, o que Inocência Mata faz com *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*, pode ser descrito através de três movimentos – discutir,

atualizar, criar - que, ao longo dos capítulos, se misturam às vezes quase em forma de contrapontos.

A autora discute, frequentemente confuta e sempre problematiza os conceitos e as categorias que sustentam o universo dos chamados *Estudos Culturais*, iluminando as sombras do não dito, dentro das quais se esconde uma atitude ideológica e não científica – tarefa, a da criação e da problematização dos conceitos, que segundo Deleuze e Guattari em *Qu'est-ce que la philosophie?*, seria própria do filósofo. Desta forma, Inocência Mata atualiza o discurso crítico sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, graças também à análise diacrônica, no seu devir, das reflexões que, em múltiplas latitudes, se levam a cabo acerca do pós-colonial. Enfim, ela própria cria ferramentas, conceitos e práticas que, partindo do espaço de investigação das literaturas e dos contextos de língua portuguesa, poderiam ser úteis para pensar qualquer outra situação que compartilhe e que sofra a mesma lógica hegemônica do imperialismo e da homogeneização cultural.

Por isso, as reconversões de Inocência Mata tornaram-se uma passagem obrigatória e feliz do desenvolvimento da teoria pós-colonial no âmbito da academia em Portugal.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie*. Paris: Les éditions de Minuit, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *I quaderni del carcere*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1975.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconverções*. Luanda: Editorial Nzila, 2007.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconverções*. Manaus: UEA Edições, 2013.
- PEPETELA. *A geração da utopia*. 6ª Edição, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.